

INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E IDENTIDADE CULTURAL PELO DISCURSO FÍLMICO: PROJETO VÍDEO NAS ALDEIAS NO CONTATO COM A JUVENTUDE NÃO INDÍGENA - ALTERIDADE, TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL

PEDAGOGICAL INNOVATION AND CULTURAL IDENTITY BY FILM DISCOURSE: THE VIDEO NAS ALDEIAS PROJECT IN CONTACT WITH NON-INDIGENOUS YOUTH - ALTERITY, TECHNOLOGY AND MENTAL HEALTH

INNOVACIÓN PEDAGÓGICA E IDENTIDAD CULTURAL POR DISCURSO CINEMATOGRAFICO: EL PROYECTO VÍDEO NAS ALDEIAS EM CONTACTO COM JÓVENES NO INDÍGENAS - ALTERIDAD, TECNOLOGÍA Y SALUD MENTAL

Rogério Barros Nunes¹

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso²

RESUMO: Este artigo dedica-se à exploração das possibilidades pedagógicas e de melhoria de aspectos socioemocionais advindos do uso em sala de aula não indígena da produção diversificada, instigante e propositiva do Projeto Vídeo nas Aldeias (VNA). A degradação da saúde mental e o conhecido isolacionismo subjetivo e cultural da juventude da geração Z (nascidos entre 1995 e 2010) e Alfa (nascidos entre 2011 e 2025) podem ser minimizados em face da exposição à produção audiovisual dos indígenas? Isto é suficiente para uma percepção do mundo mais integrada à realidade offline? As conclusões do estudo apontam como potentes e bem-vindas as aproximações com a cultura audiovisual dos povos originários brasileiros. Contudo, as escolas da atualidade devem buscar meios e condições para usar os filmes do VNA como impulso não apenas da fruição fílmica em si, como também estímulo ao espelhamento de comportamentos e hábitos para maior conexão física das alunas e alunos com a Natureza.

2413

Palavras-chave: Indigenismo. Tecnologia. Educação. Cinema. Saúde Mental.

ABSTRACT: This article is dedicated to the investigation of the pedagogical possibilities and the improvement of socio-emotional aspects arising from the use in the non-indigenous classroom of diverse, thought-provoking, and purposeful production of the Video in the Villages (VNA) project. Is the degradation of mental health and the well-known subjective and cultural isolationism of Generation Z youth (born between 1995 and 2010) and Alpha (born between 2011 and 2025) can be minimized in the face of exposure to audiovisual production of indigenous people? Is this sufficient for a perception of the world more integrated with offline reality? The conclusions of the study point to powerful and welcome approximations of the audiovisual culture of Brazilian original peoples. However, today's schools should seek means and conditions to use VNA films as an impulse not only for cinematography enjoyment itself but also mirroring the stimulation of behaviors and habits for greater physical connection of students and students to Nature.

Keywords: Indigenism. Technology. Education. Cinema. Mental Health.

¹Mestrando, Veni Creator Christian University.

²Doutorado pela Universidade de Coimbra - Professor orientador. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre - ESECS-IPP.

RESUMEN: Este artículo se dedica a explorar las posibilidades pedagógicas y la mejora de los aspectos socioemocionales derivadas del uso en el aula no indígena de la producción diversificada, estimulante y propositiva del Proyecto Vídeo nas Aldeias (VNA). ¿Es posible que la degradación de la salud mental y el conocido aislamiento subjetivo y cultural de la juventud de la generación Z (nacidos entre 1995 y 2010) y Alfa (nacidos entre 2011 y 2025) se vean mitigados mediante la exposición a la producción audiovisual de los pueblos indígenas? ¿Es esta exposición suficiente para fomentar una percepción del mundo más integrada a la realidad fuera de línea? Las conclusiones del estudio destacan como potentes y bienvenidas las aproximaciones a la cultura audiovisual de los pueblos originarios brasileños. Sin embargo, las escuelas contemporáneas deben buscar medios y condiciones que permitan utilizar las películas del VNA no solo como un estímulo para el disfrute cinematográfico en sí, sino también como un espejo que promueva comportamientos y hábitos orientados a una mayor conexión física de las alumnas y los alumnos con la Naturaleza.

Palabras clave: Indigenismo. Tecnología. Educación. Cine. Salud Mental.

INTRODUÇÃO

Por séculos deu-se imperialismo cultural eurocêntrico em face dos povos originários nas Américas. A despeito disto, um tanto de suas tradições, linguagem e hábitos foram assimilados, na via inversa, pela gente não indígena espalhada pelos 4 cantos do assim chamado Brasil. Com relação a certos valores e práticas indígenas ligados à integração da juventude com a Natureza, é altamente desejável que o mesmo possa acontecer na atualidade.

2414

Sob o signo da brutalidade, não foram suaves os métodos de desconstrução intencional de tradições que os indígenas tiveram de suportar por tantos anos. Eternamente cambiante, como de resto é todo e qualquer arcabouço cultural humano, o indígena terminou por sentir a invasão não meramente física de seu território, mas a penetração de ideias e valores estranhos avassaladoramente deletérios à sua harmonia organizacional.

Seria possível que os resistentes indígenas oprimidos historicamente, uma vez ambientados com as regras, códigos, meios de produção e ferramentas tecnológicas do universo 'branco', pudessem subverter seu uso em proteção própria e em gesto de aproximação cultural com a alteridade, desta vez, sem violência?

O Projeto Vídeo nas Aldeias (doravante aqui referido como VNA) está consolidado como a principal referência brasileira na produção de mídias nativas. Não mais objetos de interesse no chamado documentário sociológico, as populações originárias passaram a ser, elas mesmas, autoras de enunciado estético-político-cultural em primeiríssima pessoa.

Há quase 40 anos Vincent Carelli e uma equipe de profissionais colaboram para a capacitação técnica, fílmica de jovens em comunidades indígenas. Precioso achado onde educação e tecnologia caminham integrados no empoderamento de comunidades antes

vilipendiadas, em parte, pelas ferramentas mesmas (vide o impacto avassalador da televisão/*internet* e o conseqüente enfraquecimento do sentimento de pertença indígena entre jovens) do arsenal cinematográfico ou de pedagogias de aculturação religiosa colonial (o caso trágico das missões jesuíticas em solo ameríndio).

O resultado do VNA é a já madura autonomia e reconhecida qualidade dos filmes produzidos por toda uma nova geração de cineastas indígenas. Expressando-se individual ou coletivamente falam sobre seu próprio povo, de como percebem o mundo e, não raro, de como querem ser percebidos fora de seu território constantemente ameaçado. Desejam não apenas falar, mas também ouvir retornos sobre suas obras.

Natural e saudável identificar novas conexões entre povos indígenas que passaram a cambiar entre si suas imagens. Muitos registram rituais e tradições que corriam risco de desaparecimento na passagem das gerações. A oralidade, sabida característica dos povos nativos, encontrou uma via de expressão fluida e segura no cinema, como dito por PEREIRA (2010, p. 66):

A forte vocação oral dos povos indígenas contribui para o sucesso audiovisual entre eles, já que entre as tecnologias comunicativas existentes (rádio, literatura e *internet*), o vídeo é a que eles mais absorvem e incorporam como poderosa mediação cultural.

As câmeras VHS nos anos 1980 e o posterior suporte digital dos anos 2000 baratearam custos e democratizaram o audiovisual. Houve também avanço tecnológico na qualidade de captação do áudio. Confluências várias, portanto, possibilitaram o surgimento, manutenção e expansão do cinema documental como alternativa de expressão e reconhecimento da cultura indígena para si mesma e para o mundo não indígena.

Livros, reportagens jornalísticas, palestras e novos documentários do próprio VNA demonstram a relevância do empreendimento na valorização da identidade indígena em cada povo produtor de suas imagens próprias. Farto material acadêmico vem sendo produzido apresentando dados e análises sobre o fenômeno e alguns de seus tantos vibrantes desdobramentos. Afinal, não apenas a autoestima dos povos nativos encontra novo patamar, mas ao tomar controle dos meios de produção discursiva numa mídia de massa, muitas lideranças tem reconhecido os filmes como útil instrumento de luta política e resistência cultural.

Na atualidade, a tecnologia ocorre em dinâmicas nem sempre saudáveis como estas de onde nasceu e cresceu o VNA. A capacidade de raciocínio e habilidades socioemocionais têm sido identificadas em declínio nas novas gerações, especialmente por conta dos malefícios do uso precoce e/ou indiscriminado de dispositivos eletrônicos. Vício na vida online provocaria a

facilmente verificável epidemia de ansiedade e depressão sem precedentes na juventude contemporânea, fato nunca visto na comparação com gerações anteriores. A disparada do consumo de antidepressivos e ansiolíticos por esta faixa etária corroboraria a ideia de que os jovens de hoje têm mais dificuldade de lidar com os desafios da existência.

A menor exposição à interação presencial, reduzidas oportunidades de negociação e conversação direta, além de obstáculos à solução de problemas sem excessiva proteção de adultos, seriam também responsáveis por desconexão com o mundo natural e incapacidades de adaptação. Todo este pacote de inéditas configurações provocadas pela vida desde tenra idade próxima do mundo virtual, acarretaria perda das oportunidades de desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais. Inaptos estariam os jovens da atualidade para lidar com uma sociedade de transições vertiginosas e desafios estruturais inéditos para a humanidade tais como as mudanças climáticas e a crise do emprego em face à emergente força e domínio da inteligência artificial.

MÉTODOS

Delimitações: Dúvidas, Objetivos, Estrutura e Metodologia Aplicadas

Na primeira parte deste artigo objetivamos conceituar pontos determinantes tanto das referências bibliográficas nos campos da educação e tecnologia, como também acerca da constituição do fenômeno audiovisual indígena inscrito sob o manto do VNA e de sua pedagogia aplicada no empoderamento técnico de seus cineastas.

Noutro momento aprofundaremos as estratégias educacionais da aproximação destes filmes quando apresentados em contexto escolar não indígena e as repercussões resultantes. Para tanto investigaremos os esperados benefícios sociais da profícua produção audiovisual indígena dentro do VNA e sua recepção por alunas e alunos não indígenas, sobretudo à luz do livro “Cineastas Indígenas para Crianças e Jovens: guia didático para estudantes do ensino fundamental“. Com coordenação editorial de Ana Carvalho, Rita Carelli e Vincent Carelli, a publicação tem versão física acompanhada de 2 DVD’s e outra versão digital com os filmes em *hiperlink* pra o YouTube.

Por fim, abordaremos com profundidade dados e reflexões em pesquisas recentes sobre a ligação entre saúde mental e tecnologia na juventude. Falaremos sobre as formas de como uma pedagogia que contemple cultura indígena pode se valer da cinematografia das mídias nativas na contribuição de um reequilíbrio mental e social da juventude. Uma inversão decolonial no fluxo e consumo de obras artístico-culturais.

Quais as expectativas deste contato na contemporaneidade brasileira? Há desafios de saúde mental peculiares para a juventude no nosso tempo? Quais? Haverá formas concomitantes de contribuir com o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, consideração com a alteridade e melhoria do bem-estar geral de alunas e alunos não indígenas?

A hipótese aqui esmiuçada é a de que sobejam indícios acerca da conveniência e utilidade da aproximação cultural da juventude não indígena com os povos originários através da produção cinematográfica das mídias nativas, a exemplo do VNA. A abertura para a alteridade valendo-se da abundância de facilitadores tecnológicos é dinâmica saudável. É ainda merecedora de incentivos para a formação de livres cidadãos conscientes de sua História e convivência fraterna entre os diversos povos e etnias que compõem a nação brasileira. Os obstáculos em saúde mental são poderosos e imiscuem-se na cultura contemporânea dominando rapidamente os hábitos, o comportamento e o imaginário esperançoso da juventude. Contudo, há alternativas. A se buscar efetiva melhoria socioemocional dos discentes não indígenas é necessário também oferecer oportunidades de vivência e experiências *offline* junto à Natureza propriamente dita, assim como mais acesso natural a ela têm e vivem os indígenas.

As metodologias de pesquisa qualitativa e empírica sustentam este trabalho ao corroborar utilização de pesquisas bibliográficas e análises também de filmes para compreensão e descrição dos fenômenos intersubjetivos, comportamentais, sociais e culturais observados.

RESULTADOS

O Caso VNA e sua *Pedagogia Selvagem*

As novas gerações têm referência de vida no seio do mundo digital, suas telas e recursos em constante evolução. Persiste algum ceticismo saudável, no entanto, no mais das vezes, cresce sentimento geral de que as tecnologias na educação são advento não apenas inexorável, mas também detentoras de soluções atraentes e de larga aplicação. Este esperado entusiasmo é observado criticamente na revisão bibliográfica do tema da educação e tecnologia realizada por ROSADO, FERREIRA, CARVALHO (2017, p. 209/210, apud BARRETO, 2009, apud SELWYN, 2014) quando partilham suas considerações ao afirmar:

A “tecnologia” apresenta-se como condição necessária para a concretização de metas contemporâneas fundamentais da Educação: a ampliação do acesso à educação, a melhoria de sua qualidade e a “inovação”, em particular, a “inovação pedagógica” [...] uma concepção de “tecnologia” que a eleva ao patamar de detentora de “o poder de converter ‘excluídos’ em incluídos” (BARRETO, 2009, p. 48), de forma que representa uma visão de ampla circulação nas mídias como uma espécie de “senso comum” a respeito dos artefatos técnicos: uma visão salvacionista que parte de uma crença na neutralidade da tecnologia, amplamente idealizada como solução (panaceia?) para uma

assumida falência da educação, articulada em defesas dogmáticas do poder dos artefatos digitais de “tornar o mundo um lugar melhor [...] Independentemente da presença das tecnologias digitais ser inescapável, é preciso alguma “desconfiança”, conforme sugere Selwyn (2014), das alegações, frequentemente fantasiosas, associadas ao “digital” e seus produtos.

O incensado sistema tecnológico educacional da atualidade – racional, metódico, regido por algoritmos, imbuído de pretensão e desejável controle – parece contrapor-se em parte à chamada *pedagogia selvagem* observável nas exitosas práticas do VNA, ainda que ali, em sua essência material, dê-se relação educacional também tecnológica pois concretiza-se capacitação material, objetiva em técnica audiovisual (operação de câmera, princípios de fotografia, narratividade, edição, etc.). O primeiro, estratificador, cartesiano, com vistas a cada vez maior especialização. O segundo, holístico, integrador, uma cosmotécnica que é “a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas de criação de produtos ou de obras de arte.” (BARROS, FRESQUET, 2023, p. 22 apud HUY, 2020. P. 39)

Relevante, portanto, explicitar em que sentido específico utilizamos a expressão *pedagogia selvagem* e o fazemos na forma descrita por BARROS, FRESQUET (2023, p. 22) ao dizer:

[...] uma pedagogia que se construa através de características presentes nos cinemas indígenas, nas trilhas que se formam a partir de pistas presentes em tais cinemas, como a pista da alteridade citada. Dessa forma, trazemos o conceito de *selvagem* a partir de formulações presentes na antropologia, denotando o caráter de diferença em relação à pretensão de racionalidade e objetividade quase sempre presente na ideia de civilização, partindo dessa distinção entre as ideias de civilizado e *selvagem*, e abrindo espaço para a indeterminação, a surpresa, o salto do tigre que desconcerta a previsibilidade proposta nas pedagogias ocidentais. Nesse sentido, o pensamento *selvagem* se embaralha com o cinema enquanto pensamento, práticas que privilegiam a produção de conhecimento através do sensível.

Uma cosmotécnica diferente, portanto, pode aparecer nestas trocas. Isto implica possibilidades e aberturas antes inimagináveis pois o conceito de tecnodiversidade, como proposto por Huy, põe em relevo as inúmeras possibilidades que brotam de diferentes concepções e práticas técnicas diversas nas variadas culturas e povos. Isto se dá para distanciamento da centralidade técnica eurocêntrica e suas consequências danosas ao planeta. Ocorre, desta maneira, na cosmotécnica, destaque às especificidades técnicas de cada povo, suas decorrentes complexidades políticas e éticas. (BARROS, FRESQUET, 2023, p. 22, apud HUY, 2020, p. 39)

Importante frisar que utilizamos aqui a expressão “mídias nativas” ao referir à produção cinematográfica indígena do VNA na melhor acepção defendida por PEREIRA (2010, p. 66) quando coloca:

Sem a intermediação da escrita, com a produção audiovisual esses povos passam da linguagem oral diretamente para o audiovisual, incitando mudanças na posição (de

receptores a produtores). Na forma (de documentários etnográficos a estilos variados de produção audiovisual) e no conteúdo (de “índios puros” projetados pela sociedade nacional a “sujeitos reais”, os quais narram suas culturas).

Já no início a iniciativa de Carelli, idealizador do VNA, “não era chegar ‘com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça’, mas uma câmera na mão e uma cabeça aberta para o *feedback* da aldeia”. (2011, p. 46b). De maneira intuitiva e autodidata, ele mergulhava neste dispositivo como no “vídeo-transe’, sem jamais ter ouvido falar em Jean Rouch ou no Cinema Verdade”. (2011, p. 46b). Mas, afinal, quais eram as referências que foram se firmando nas experimentações pedagógicas do projeto? Posteriormente, o VNA aproxima-se realmente de maneira mais estruturada dos procedimentos e influência do documentarista disruptivo francês, Jean Rouch. Em 1981, funda em Paris, os Ateliers Varan, escola de formação de documentaristas, produzindo oficinas de roteiro, montagem e iniciação ao documentário em diversos países, como África do Sul, Vietnã, Egito e Colômbia. Não por acaso Carelli convida Mari Corrêa, documentarista formada nos Ateliers Varan, para estruturar as oficinas de formação do VNA, contudo, explicita que autonomia e protagonismo indígena é elemento decisivo. Mari relata:

Entrei no Vídeo nas Aldeias em 1998 para dar início às oficinas de formação. Anos antes, quando conheci o projeto, ainda não se falava em formar realizadores indígenas. “Ao contrário do que vocês fazem nos Ateliers Varan, nós aqui não editamos as imagens dos índios, eles assistem suas imagens no bruto”, me explicou o Vincent. Minha experiência era radicalmente outra. (ARAÚJO, 2015, p. 66 apud CORRÊA, 2004, p. 1)

2419

De toda forma os elementos de confiança na incerteza próprios da pedagogia selvagem implantada no VNA são mesmo herdeiros da formação nos Ateliers Varan. Isto ocorre como a própria Mari conta:

A descoberta da linguagem cinematográfica, de forma intimista e artesanal, foi uma experiência intensa, uma verdadeira iniciação ao filme documentário, que produziu uma mudança radical na minha forma de ver e querer fazer filmes. O conceito e o método de aprendizagem dos Ateliers Varan punham o documentarista iniciante diante de um leque de questões éticas, políticas e filosóficas que iam muito além do manuseio do equipamento. Era um aprender fazendo, quebrando a cara e refletindo. Lá eu descobri que fazer filmes é pôr-se em risco, é estar aberta ao real e ao imprevisível, se despiando de ideias pré-concebidas. (ARAÚJO, 2015, p. 66 apud CORRÊA, 2004, p. 1)

Não existe, no entanto, algo como culto ao espontaneísmo na formação dos indígenas. Isto é o que atesta o pensador do cinema e roteirista, Jean Claude Bernadet, ao comentar o acompanhamento crítico da monitoria num curso do VNA. Ali observa peculiaridades na formação tecnológica dos alunos. Ele (2011, P. 159) relata:

[...] um plano de “No tempo das chuvas” é importante, por mostrar uma sessão de edição em que um jovem está aprendendo a usar o teclado de um computador sob a orientação de uma monitora, que lhe diz que foi escolhido o início de um determinado plano, mas que agora ele tem de decidir em que ponto terminará este plano. Os monitores de Vídeo nas Aldeias não assumem uma posição ingênua, conforme a qual

bastaria colocar uma câmera nas mãos de alguém para que consiga retratar a sua vida, é necessário aprender a usar o equipamento e conhecer a linguagem.

A Questão da alteridade e o desejável caráter missivista em deslocamentos

É Bernadet quem melhor trata de um conceito fundamental para este artigo, a alteridade. Ela moverá pensamentos em duas situações diferentes. Uma primeira configuração versa sobre o exercício de circulação dos filmes VNA entre povos indígenas e a segunda problematiza como se dá o trânsito destas imagens na direção do público escolar não indígena.

Antes de tudo, porém, para melhor compreender a ideia como valiosa neste trabalho, é imperioso perscrutar algumas ciladas que o exercício da alteridade normalmente impõe. Da maneira como usualmente é entendida causa incômodo e desconfiança em Bernadet (2011, 159) quando diz que “este “outro” no documentário e em geral nas filosofias da alteridade não passava da falsa solução de um problema mal equacionado”. Comumente ao conceber um “outro” o enunciador desta alteridade declara-se, ele próprio, na verdade, como ponto de visão e o “outro” como mero subsidiário ao seu lugar de observação. Para solucionar esta configuração mal engendrada precisamos permitir movimento. Segundo Bernadet (2011, p. 159) “a filosofia da alteridade só começa quando o sujeito que emprega a palavra “outro” aceita ser ele mesmo um “outro” se o centro se deslocar, aceita ser um “outro” para o “outro””. É o que ocorre, por exemplo, na conhecida fase de circulação dos filmes VNA entre aldeias distintas. Winti Suyá (2011, p.159), cineasta de uma determinada localidade chamada Sangradouro no estado de Mato Grosso, assim coloca a questão: “Tem que mostrar a cultura de outro para outro, para ele reconhecer como que é a festa dele, como que é a cultura, a língua...né?” Do que conclui Bernadet ser esta percepção, sim, uma genuína cultura da alteridade. Assim descreve a visão de Suyá que:

[...] não só vê Pimentel Barbosa (outra aldeia) a partir do centro que é Sangradouro, onde se realiza a festa e será feita a filmagem, como, simultaneamente, vê a si mesmo e à sua aldeia como “outro” a partir do centro que é Pimentel Barbosa. (2011, p. 159)

Esta abertura à relação dialógica está no cerne do VNA. Mesmo durante a produção de algum filme, o material bruto e as escolhas de edição são discutidos coletivamente entre monitoria, cinegrafistas e a comunidade daquele determinado povo. Com o filme pronto, dá-se exibição para o povo que o produziu e também ocorre circulação entre “parentes”, outros povos indígenas próximos. Outras exibições são organizadas em cidades e vilarejos vizinhos. Ao participar de festivais de cinema, novas exibições são planejadas para escolas, universidades e, com a disponibilização na *internet* são alcançadas pessoas interessadas em qualquer lugar do

mundo. Na base de tudo, uma enunciação que antevê, deseja uma resposta, um retorno. Ou, como Bernadet (2011, p. 158) diz:

O vídeo como carta. Esse caráter missivista do vídeo é assumido claramente em “Das crianças Ikpeng para o mundo”, sendo que o mundo começa nas outras aldeias: as crianças se deixam filmar para mostrar a outras crianças como vivem. Carta pede resposta. As crianças deste filme pedem explicitamente que as crianças que virem este vídeo lhes respondam informando-as sobre sua vida.

O livro “Cineastas Indígenas para Crianças e Jovens”, produzido pelo VNA, contempla esta ideia de maneira exemplar. Já em seu início podemos ler a fala dos organizadores em duas missivas: “Carta aos Alunos” e “Carta aos Professores”.

E como uma criança não indígena recebe o livro e os filmes lá contidos como “Akukusiã, o dono da caça” ou “Das crianças Ikpeng para o mundo”, por exemplo?

Neste último, alegres infantes contam diretamente para a câmera as atividades e brincadeiras que fazem na sua comunidade, como caçam e pescam, como brincam, quem é o cacique e os membros de sua família, como é seu banheiro, o avião que leva doentes para o hospital longe da comunidade, como acontecem alguns de seus rituais. Estes que os localizam em relação à ancestralidade, costumes e tradições constituintes de seu agrupamento em identidade coletiva e relacional para com outros povos. Ali, naturalmente, muitas coisas são radicalmente diferentes de uma vida comum de criança não indígena e a eventual nudez naturalizada e nada sexualizada não é a característica mais impactante. Uma criança Ikpeng manipula facões afiados com destreza e confiança para criar seus próprios brinquedos, remam barcos em conjunto para pescar em certo local mais propício à atividade, embrenham-se na mata com liberdade para procurar caça pequena. Aparentemente vivem boa parte do tempo a céu aberto em contato com a Natureza circundante e se movimentam fisicamente de forma constante em brincadeiras coletivas onde se misturam em idades diversas sem supervisão direta constante de adultos. Em poucas palavras – liberdade, segurança, autonomia, entusiasmo.

2421

Saúde mental e tecnologia: uso na infância e juventude

O psicólogo Jonathan Haidt, vinculado à New York University e autor de “Geração Ansiosa”, expõe dados alarmantes sobre o que chama de epidemia de problemas de saúde mental na juventude. É o que acontece quando se tem a “infância e adolescência passada na frente do celular.” (LEMOS, 2024)

Os números realmente causam impacto. 50% no aumento de depressão e ansiedade entre 2010 e 2019 nos EUA. Neste tempo, o suicídio de jovens do sexo masculino de 10 a 19 anos cresceu 48%. Entre jovens do sexo feminino na faixa etária de 10 a 14 anos, incríveis 131%. (PRATA, 2024) Números semelhantes se repetem na Austrália, Canadá, Inglaterra, Suécia e outros, assim como no Brasil. Na faixa de 10 a 19 anos houve aumento de 47% em suicídios entre 2016 e 2019 segundo informações da Sociedade Brasileira de Pediatria. 46% de jovens do sexo feminino se sentem solitárias contra 30% entre o sexo masculino.

Se falarmos sobre desempenho escolar dados exibem nexos causais flagrantes entre a entrada de *smartphones* no mercado e desempenho escolar em queda:

Foi a partir de 2010 que os *smartphones* se popularizaram entre jovens e que os números pioraram. Antes disso as taxas eram estáveis. O aprendizado escolar também sofreu. Notas de matemática, leitura e ciências despencaram globalmente desde 2010, conforme o exame Pisa. (LEMOS, 2024)

Através de suas pesquisas, Haidt conclui que, para declínio tão rápido e chocante na performance escolar e, sobretudo, na saúde mental de crianças e jovens, “o fator determinante de fato é o uso do *smartphone* e similares”, e observa:

Crianças e adolescentes estão crescendo em um lugar sem história, sem conexão com onde vivem, onde o conteúdo consiste em vídeos de 30 segundos, sem procedência ou autoria, escolhidos pelo algoritmo para hipnotizar quem está assistindo. (LEMOS, 2024)

2422

Mas o que as crianças e adolescentes tanto fazem nos celulares? O que as adoce de maneira tão contundente? Que atividade teria tanto poder para incutir pulsão de morte e efetiva escravidão física e mental justamente quando a vida desabrocha em furor de liberdade, potência e energia quase ilimitadas? Quem projetou tais atividades? E, talvez, mais importante para definir a trilha de investigação: quem lucra com isso? Para as centenas de famílias enlutadas pelo suicídio de seus jovens e que, por isso, procuraram Mathew Bergman, fundador do Social Media Victims Law Center, nos EUA, para processar judicialmente empresas de tecnologia, a resposta é direta: redes sociais.

As acusações são de que a crise de saúde mental inédita na História é causada por produtos intencionalmente defeituosos, viciantes e perigosos das empresas Meta (proprietária do Instagram e Facebook) e também Google e ByteDance que gerencia o TikTok:

Há casos de crianças que tiraram a própria vida depois de sofrer *bullying* nas redes ou ver posts que normalizam e encorajam o suicídio. Outras morreram após "desafios" *online*, entre eles um jogo que envolve asfixia, ou por overdoses de drogas supostamente obtidas por meio das plataformas. (CORRÊA, 2024)

Os conglomerados de redes sociais utilizam estudadas técnicas comportamentais e neurobiológicas afetas à máquinas caça-níqueis e à indústria do cigarro, assim como aperfeiçoam recursos de *design* para elevar engajamento de jovens e auferir renda da publicidade (CORRÊA, 2024). Bergman afirma:

(As empresas) sabem que as crianças estão em um estágio de desenvolvimento que as deixa particularmente vulneráveis aos efeitos viciantes desses recursos. Mesmo assim, miram (seus esforços) nas crianças, em busca de lucro. (CORRÊA, 2024)

Outras imputações das famílias tratam da ineficiência dos controles parentais disponibilizados e controles de idade ineficazes. Redes sociais também trabalham a insuflar comparações negativas sobre aparência e tais empresas “facilitam disseminação de material com abuso sexual e exploração de crianças.” (CORRÊA, 2024)

As evidências foram tão solidamente articuladas que Mark Zuckerberg, fundador da Meta, pediu desculpas publicamente à algumas famílias atingidas presentes numa audiência do Senado estadunidense em janeiro deste ano: “Peço desculpas por tudo que vocês passaram. Ninguém deveria passar pelas coisas que suas famílias sofreram.” (SHEPARDSON, 2024) Contudo, mesmo após isto, não se verifica nenhuma mudança realmente eficaz no modelo de negócio ou nas estratégias tecnológicas viciantes apontadas como perniciosas.

Impossível falar de juventude e *internet* sem mencionar o vício crescente em pornografia. A exposição das performances sexuais veiculadas no mundo *online* estimulam ideias, padrões e práticas na audiência, especialmente quão mais jovem esta for. A cultura do estupro feminino, humilhações e violência sexista pode estar recebendo influência significativa do material consumido por adolescentes e mesmo, crianças. Tais comportamentos têm grande chance de ser mimetizado por toda a vida. Curiosamente uma consequência observável é, paradoxalmente, a diminuição do interesse em sexo real:

Imagina, pra quem passou a adolescência vendo corpos no *Instagram* e performances sexuais no *Pornhub*, a dificuldade que deve ser se despir diante de outra pessoa e se lançar na desengonçada e nada instagramável prática do sexo. (PRATA, 2024)

Sendo adicção tecnológica um traço tão marcante da vida atual, se crianças não indígenas aceitassem o convite para “responder a carta” às crianças Ikpeng contando como brincam e quais são suas atividades, filmariam seu próprio cotidiano provavelmente inundado de telas onde passam a maior parte de seu tempo de vida ansiosa. Mostrariam a si mesmas dentro de suas casas ou escola, outro ambiente normalmente fechado³, distante do mundo natural,

³Dados internacionais mostram que crianças que vivem nos centros urbanos passam 90% do tempo em ambientes fechados. Quando olhamos para o Brasil, os números apontam que 40% das nossas crianças passam apenas uma hora ou menos do dia brincando ao ar livre. (RATTI, 2018).

território pouco estimulante para o exercício de liberdades ou autonomia. Exibiriam ainda suas vidas vigiadas e conduzidas por adultos quase que absolutamente.

Para o psicólogo Peter Gray, professor pesquisador nas áreas de psicologia e neurociência do Boston College, universidade dos EUA, uma das principais razões para a Academia Americana de Pediatria pedir que o governo daquele país declarasse estado de emergência nacional na saúde mental infantil, é a redução de independência dos jovens (CORRÊA, 2023). Argumenta ele:

Uma das principais causas do aumento dos transtornos mentais é a diminuição das oportunidades para crianças e adolescentes brincarem e se envolverem em outras atividades independentes da supervisão e controle direto dos adultos. (CORRÊA, 2023).

Gray e os demais autores do artigo “Decline in Independent Activity as a Cause of Decline in Children's Mental Well-being: Summary of the Evidence” atestam que essa “é uma crise nacional e internacional, e deve ser tratada como tal.” (CORRÊA, 2023). Não é naturalmente a única causa para tamanha queda no bem-estar mental dos jovens, mas é, sim, uma causa importante. (CORRÊA, 2023).

DISCUSSÃO

A Natureza como Resposta

2424

Com efeito, para desenvolver o chamado *locus* de controle interno (inclinação para a confiança no gerenciamento dos problemas e da própria vida), as crianças não podem ser privadas das oportunidades de “se engajar em atividades que envolvem algum grau de risco e responsabilidade pessoal, longe de adultos” (CORRÊA, 2023). Brincar com nível crescente, gradual de independência confere imediata satisfação e felicidade (as crianças Ikpeng que o digam) e, no longo prazo, promove resiliência e “as características mentais que fornecem uma base para lidar de forma eficaz com o estresse da vida” (CORRÊA, 2023).

No estado de Pernambuco deu-se a promulgação da Lei 17.020/2020 que proíbe crianças de até 12 anos tomarem um simples elevador desacompanhadas de pessoa maior de 18 anos. (Pernambuco (PE), 2020).

Não é de espantar que vida *online* (7 horas diárias apenas no celular entre adolescentes estadunidenses) (LEMOS, 2024), controle excessivo, e pouco contato com a natureza produzem adoecimento mental galopante na juventude não indígena.

Por outro lado, perturbações psíquicas e taxas de suicídio são, sim, historicamente apavorantes entre comunidades indígenas brasileiras também. Inclusive superam e muito o percentual médio da população comum. Contudo, os deflagradores deste adoecimento psíquico

são outros. Já existiam antes da *internet* e, fundamentalmente, não se devem à desconexão com o mundo natural. São eles bastante conhecidos em sua violência estrutural, histórica, permanente: aculturação violenta, perda do sentimento de pertença ao seu povo, convocação publicitária desleal à cultura do consumo, desvinculação de sua ancestralidade e rituais, avanço da pecuária, grileiros e garimpo violento em seu território, diminuição da área necessária à segurança alimentar, etc.

Também se poderia dizer: não há razão para supor que indígenas sejam imunes à adicção por celulares. Afinal, “Das crianças Ikpeng para o mundo” é documentário finalizado em 2001 e desde então é que os aparelhos portáteis se disseminaram como extensão do braço humano por toda parte. E por que não falar, entre indígenas também. Muitas vezes, novamente, com abundante disseminação de conteúdo favorecedor de aculturação e desconexão entre o jovem e as tradições específicas de seu povo.

Há no mundo indígena, entretanto, e apesar de tantas e todas essas condicionantes brutais, um cenário mais aberto à conexão com o mundo natural que é fator de enorme proteção em saúde mental.

Para tomar consciência do quão decisivo, crucial e abrangente é este aspecto, podemos nos ater inicialmente ao chamado Transtorno do *Deficit* de Natureza, ou TDN, fenômeno 2425
cunhado recentemente por Richard Louv, autor de “A Última Criança na Natureza”.

É verdade, cresce a cada ano o número de estudos (hoje mais de mil) que indicam aumento de ansiedade, *deficit* de atenção, transtornos do humor e demais complicações mentais relacionadas ao distanciamento da natureza por parte das novas Gerações Z, nascidos entre 1995 e 2010, e Alfa, os nascidos de 2011 em diante. O pesquisador reconhece os obstáculos ao reconhecimento da gravidade do momento (PEREIRA, 2021). Relata Louv:

Muitas pessoas não avaliam o tempo passado na natureza e com brincadeiras espontâneas como essenciais para o desenvolvimento infantil, psicológico ou físico. Isso se dá, em partes, porque a tecnologia agora domina quase todos os aspectos de nossas vidas. (PEREIRA, 2021)

O ímpeto do movimento é a natureza em forma humana e isso as crianças parecem demonstrar diariamente, mesmo sob tentativas de controle e disciplina rígidas. Por parte dos professores, há ainda o temor de risco físico dos pequenos, geralmente desproporcional à maioria das situações. Imaginação e movimento cerceados, contudo, podem ser atalho para insegurança e desânimo. Manuela Sá, psicóloga e pesquisadora, declara:

Quando menores, a grande preocupação é mantê-las seguras, evitar acidentes e o preço pago é impedir que explorem os ambientes, que corram, que se sujeem etc. No Ensino Fundamental, as crianças e pré-adolescentes ainda demandam muita atividade corporal para experimentar e conhecer o mundo e são forçadas a permanecer por muito tempo

sentadas na banca [...] Desta maneira, para algumas pesquisadoras e pesquisadores, o modelo educacional demonstra inibir a criatividade e espontaneidade das crianças, enfraquecer sua autonomia, motivação e autoconfiança (SÁ, 2020, p. 26-27, apud GUZZO, 2005, apud SPINUCCI, 2017), reprimindo a sua curiosidade e o livre brincar.

Daí porque vigora uma percepção mais ou menos homogênea sobre um estado de tédio, torpor e individualismo exacerbado nos jovens. O que podemos conseqüentemente investigar é a responsabilidade dos centros escolares na manutenção deste estado de humor pouco produtivo e dado a produzir isolamento. Sobre este assunto Sá afirma:

Muitas vezes, os jovens são acusados de apáticos e de pensar apenas em objetivos pessoais, porém, o modo de funcionamento da escola não costuma permitir o posicionamento dos estudantes e a reflexão cooperativa. (SÁ, 2020, p. 24)

“Estamos menos vivos quando nos concentramos nas telas”, (PEREIRA, 2021) é o que também diz Louv ao perceber a solidão como resultado do viver contemporâneo. Esse isolamento, interpessoal e diante da natureza, turva o pleno exercício de sentidos, não apenas os 5 mais famosos, mas até 30, de acordo com certos cientistas. Argumenta então:

Enquanto nos concentramos por horas em nossas telas, nós e nossos filhos gastamos muito de nosso tempo e grande parte de nossa energia tentando bloquear a maioria desses sentidos para que possamos nos concentrar nas telas a alguns centímetros de nossos olhos. Para mim, essa é a própria definição de estar "menos vivo". (PEREIRA, 2021)

Curiosamente, estes grandes desafios não ceifam apenas a vida de indivíduos. Os imensos obstáculos que enfrentamos dão-se também como ameaças à sobrevivência da própria espécie humana e estão, de alguma forma, relacionados ao nosso distanciamento do mundo natural. Sejam ameaças climáticas, o caso da biodiversidade, extinções em massa de espécies ou pandemias relacionadas à maneira como, nós, humanos, tratamos os animais; praticamente qualquer tema relevante tem conexão com nosso afastamento da Natureza.

Para Aílton Krenak, conhecido pensador indígena engajado na causa dos povos nativos e recentemente empossado na Academia Brasileira de Letras, o erro fatal é perceber positivamente a Natureza apenas como um reles recurso. Para seu povo, o Rio Doce destruído em 2015 pela mineradora Vale do Rio Doce, “monstro corporativo” (O POVO, 2023), na maior tragédia ambiental do Brasil, nunca poderia ser visto como um recurso natural. O Rio Doce era seu avô. Esse sentimento de parentalidade real, não meramente metafórica, pode ser uma enorme chave de aproximação.

Felizmente, as pesquisas não apenas identificam o problema, mas também apontam soluções. A UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, publicou em 2023 o relatório “The Necessity of Urban Green Space for Children’s Optimal Development – a discussion paper” (SUGAR, 2023). Nele apontam a diretriz: garantir acesso de todas as crianças à áreas

verdes. Elas devem se localizar a uma distância caminhável de suas residências. Quão mais cotidiano o contato, melhor. É o conceito de ‘natureza próxima’. Assim, ainda de acordo com a UNICEF, observaremos nessas crianças níveis menores de hormônios do estresse, pressão arterial mais baixa, evolução em coordenação motora e equilíbrio, bem como incremento em habilidades sociais diversas.

É o que tem feito um sem número de escolas ao modificar sua estrutura física para retirar muros e construir áreas verdes facilitando o acesso das crianças à brincadeiras com terra, árvores e sol. A agrofloresta da Emei (Escola Municipal de Educação Infantil) Borba Gato, de São Paulo, capital, foi construída há 3 anos e vem confirmando a ideia de que crianças respondem bem ao chamado da Natureza como relata Priscila Arce, diretora da unidade escolar:

As crianças foram perdendo o interesse nesses brinquedos (de plástico) quando começaram a brincar mais livres. Foi um processo que nasceu delas. Elas passaram a se entreter mais brincando com folhas, gravetos, pedras que encontram nos espaços da escola. (PALHARES, 2024)

Elas também mudaram o comportamento mostrando cada vez menos interesse por tarefas *online* usando tablet ou computador. O vício em telas, afinal, não é incurável, portanto.

Louv (PEREIRA, 2021), de fato, sugere o termo “Vitamina N”, de Natureza, como alegoria para uma “cura” do TDN:

Precisamos da experiência da natureza como um antídoto para algumas das desvantagens do uso de tanta tecnologia. [...] Eu evito a frase "retorno à natureza". Prefiro dizer: "avante à natureza". (PEREIRA, 2021)

Mas como objetivamente as escolas poderiam proteger crianças e adolescentes do uso pernicioso da tecnologia que tanto acarreta desastres socioemocionais? Hait (LEMOS, 2024) indica 4 ações:

A primeira é não permitir o uso de smartphones e tablets até os 14 anos. A segunda é não permitir o uso de mídias sociais até os 16 anos. A terceira é banir completamente o uso de smartphones nas escolas: exigir que os alunos depositem os celulares na entrada e só retirem na saída.

Medidas enérgicas se coadunam a situações agudas como, efetivamente, vivenciamos na atualidade. As escolas devem assumir seu papel de guia com vistas à uma liberdade maior: liberdade de pensamento sem vício em dopamina de baixa qualidade.

Neste contexto complexo, vitorioso é o esforço do VNA, dessa maneira, ao oportunizar aos estudantes não indígenas o livro “Cineastas Indígenas para Crianças e Jovens”. Ainda que livros e filmes não possam movimentar os jovens fisicamente pelo planeta favorecendo experiências na concretude geográfica do mundo, arte e informação podem, sim, promover deslocamentos importantes. Nesta encruzilhada da espécie humana, acossada por ameaças aflitivas (guerras, mudanças climáticas, inteligência artificial sem regulação, mercado de

trabalho incerto, saúde mental desequilibrada), obras das mídias nativas são refúgio de imaginação e afetos. Um permitir-se mergulhar noutro mundo de esperança e liberdade como oferecido pelos documentários do VNA. Isolados em seu pequeno grande universo de interesses individuais, a juventude contemporânea pode deixar escapar a aventura e a graça que é se questionar: E se tivesse nascido ali, como seria minha vida? Esse é um bom caminho para a fraternidade e comunhão entre povos - o melhor ensinamento que qualquer escola poderia proporcionar.

Novas pesquisas no tema porventura poderão perscrutar dados atuais do impacto do uso do livro “Cineastas Indígenas para Crianças e Jovens” em Escolas Waldorf, por exemplo. Pesquisas de campo em quaisquer colégios, aliás, que conscientemente estimulem autonomia, liberdade, contato com a Natureza e distância criteriosa de eletrônicos poderão aprofundar diferentes aspectos e nuances na discussão do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - UMA OUTRA JUVENTUDE É POSSÍVEL?

Nunca foi fácil ser jovem. Hoje, definitivamente, é ainda mais difícil. Antonio Prata, escritor e colunista da Folha de São Paulo, ao estudar as colocações do psicólogo Haidt, faz a síntese:

A geração Z é mais deprimida, ansiosa, tem mais distúrbios alimentares e é mais propensa à automutilação do que qualquer outra que veio antes. Ela tem menos encontros amorosos, faz menos sexo, é mais tímida, menos ambiciosa e mais complicada de lidar no trabalho. (PRATA, 2024)

Sim, tecnologia e educação devem andar cada vez mais juntas. O VNA é prova viva de que pedagogias e letramentos tecnológicos podem e, frequentemente, ofertam efetivamente oportunidades de crescimento pessoal e comunitário com implicações desejáveis a perder de vista. Todavia, o uso frequente de celulares, a autonomia cerceada por supervisão excessiva e a falta de contato com o mundo natural estão entre os grandes desafios para o equilíbrio e o bem-estar da juventude na contemporaneidade.

“Que o acesso à natureza seja considerado um direito humano.” (PEREIRA, 2021), é o recado de Louv. Também ele recorda que nossa sociedade vive um certo transe distópico influenciado pelo cinema hegemônico hollywoodiano, inclusive aquele de elevado valor e prestígio artístico. Este grande cinema produziu obras-primas como “Mad Max”, de George Miller e “Blade Runner”, de Ridley Scott. Filmes de ficção como estes capturaram fortemente o imaginário de futuro humano, um amanhã “onde a natureza e o amor foram arrancados da paisagem” (PEREIRA, 2021).

O caminho é reavivar a esperança, mas não uma esperança qualquer. Deverá ela ser uma esperança imaginativa, não uma cega. De outra forma “Blade Runner” será mesmo nosso futuro e de nossos netos, indígenas e não indígenas. (PEREIRA, 2021)

Se o tema das mudanças climáticas não deflagra as gigantescas mudanças que deveria desencadear isto se dá, em parte, por uma eficiente campanha de desinformação bem financiada e uma adesão, ainda que inconsciente, às profecias do pós-apocalipse, cenário de sucesso cinematográfico constantemente reeditado. “Parecemos atraídos por essa chama e é uma fixação perigosa.” (PEREIRA, 2021)

Por que não acordamos? Talvez porque mídia e lideranças políticas estão fracassando em emular no imaginário de nossa época cenários factíveis de comunhão com a Natureza. Em poucas palavras, uma cosmotécnica imaginativa, flexível, permeável - uma cosmotécnica indígena, não uma criada pelo CHATGPT ou qualquer outra inteligência artificial.

Krenak não faz distinção entre natureza e humanidade. Acreditamos na separação porque nos alienamos do mundo natural, mas isto é uma ilusão. Para ele “Tudo é Natureza. Cosmos é Natureza.” (KRENAK, 2020, p. 5) Integrados, então, à Natureza, ao Cosmos, seguiremos o curso da vida livre e plena das crianças Ikpeng. Assim, poderemos enxergarmos e à Natureza como Beleza, uma única Beleza no Todo que é o organismo vivo Terra, a Pachamama dos povos ameríndios.

2429

Conseguirão os jovens do mundo comum o deslocamento em alteridade para considerar-se “o outro” em relação aos indígenas? Terão sucesso, assim, em inverter o trânsito colonial de energia comunicativa aprendendo com os guardiões da Floresta sobre o bem viver integrado à Natureza?

“Nature's beauty teaches optimism to the aspiring heart”*, diz Sri Chinmoy, mestre de meditação indiano. Os cineastas em documentários das mídias nativas também.

*”A beleza da natureza ensina otimismo ao coração esperançoso”. Tradução livre.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Carvalho Ziller, CARELLI, Vincent, CARELLI, Rita – organizadores. Cineastas Indígenas para Crianças e Jovens: guia didático para estudantes do ensino fundamental. Olinda, 2013. Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/downloads/vna_guia_crianças.pdf Acesso em 17 mar. 2024.

ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller – organizadora; RADGERS, David – tradutor. Vídeo nas Aldeias 25 anos: 1986-2011. Olinda, PE. Vídeo nas Aldeias, 2011; 159 p.

ARAÚJO, Juliano José de. PRÁTICAS FÍLMICAS DO PROJETO VÍDEO NAS ALDEIAS. 2015. REVISTA PASSAGENS: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, 2014; 5(2): 26.

BARROS, Wagner Santos de, FRESQUET, Adriana. O cinema documentário brasileiro, cinemas indígenas e educação: caminhos para uma pedagogia selvagem. 2013. SciELO *Preprints* – Scientific Electronic Library Online, 2023: 22.

CORRÊA, Alessandra. As famílias que perderam filhos por suicídio e overdose e agora processam as redes sociais. **Folha de S. Paulo**. 4 abr. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2024/04/as-familias-que-perderam-filhos-por-suicidio-e-overdose-e-agora-processam-redes-sociais.shtml?pwgt=14c70di3aoibwtguqcsypl71gfrkltwyv1ytmfdda9ndwphe&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift Acesso em 05 abr. 2024.

CORRÊA, Alessandra. 'Falta de independência está por trás da crise de saúde mental em crianças', diz psicólogo americano. **BBC News Brasil**. 15 nov. 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cl59ydlo4150> Acesso em 26 abr. 2024.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. Companhia das Letras, 2020; p. 5.

LEMOS, Ronaldo. É preciso acabar com a infância na frente do celular. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 14 abr. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2024/04/e-preciso-acabar-com-a-infancia-na-frente-do-celular.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo Acesso em: 25 abr. 2024

2430

O POVO. Ailton Krenak, o escritor indígena que quer adiar o fim do mundo. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2023/11/14/ailton-krenak-o-escritor-indigena-que-quer-adiar-o-fim-do-mundo.html> Acesso em 09 abr 2024.

PALHARES, Isabela. Déficit de natureza ameaça saúde física e mental das crianças. **Folha S. Paulo**. São Paulo. 13 jan. 2024. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/01/deficit-de-natureza-ameaca-saude-fisica-e-mental-das-criancas.shtml> Acesso em 11 abr. 2024.

PEREIRA, Eliete da Silva. Mídias Nativas: a comunicação audiovisual indígena - o caso do projeto Vídeo Nas Aldeias. Revista C-Legenda do PPGine - Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, 2010; 23: 66.

PEREIRA, Néli. Pandemia agrava 'déficit de natureza' em crianças e adultos: 'Estamos menos vivos quando nos concentramos nas telas'. **BBC News Brasil**. São Paulo. 15 mai. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57065482> Acesso em 24 mar. 2024.

PERNAMBUCO. Lei nº 17.020, de 13 de agosto de 2020. Proíbe, no âmbito do Estado de Pernambuco, o uso de elevadores e restringe, nos termos em que especifica, a livre circulação em áreas comuns, de crianças desacompanhadas de pessoa maior de 18 (dezoito) anos, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, 13 de agosto do ano de 2020. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=51496>

PRATA, Antonio. Temos de lutar com todas as forças para deixarmos crianças longe das redes sociais. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. 6 abr. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2024/04/temos-que-lutar-com-todas-as-forcas-para-deixarmos-criancas-longe-das-redes-sociais.shtml?pwgt=14c70djuy60436ksp5iiri93phkdcox7zk9yssvoo8dw7g8y&utm_source=wahatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift Acesso em 7 abr. 2024.

GRAY, Peter, LANCY, David F., Bjorkund, David F. Decline in Independent Activity as a Cause of Decline in Children's Mental Well-being: Summary of the Evidence, *The journal of Pediatrics*, 2023.

RATTI, Cláudia. 8 Lições de Richard Louv sobre a relação crianças e natureza. **Educação e Território**. 30 mai. 2018. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/8-licoes-de-richard-louv-sobre-relacao-criancas-e-natureza/> Acesso em 10 abr. 2024.

SÁ, M. M. C. B. de. Estudantes em situações de conflito interpessoal no ambiente escolar: como reagem os pré-adolescentes. 2020. 102 f. p. 26 e 27. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. 24 p.

SHEPARDSON, David. Zuckerberg pede desculpas a famílias de vítimas de bullying devido a posts nas redes; assista. **Folha de S. Paulo**. 31 jan. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2024/01/mark-zuckerberg-pede-desculpas-a-familia-em-audiencia-do-senado-dos-eua.shtml> Acesso em 15 mar. 2024.

SUGAR, Suchitra. The Necessity of Urban Green Space for Children's Optimal Development – a discussion paper. 2023. Disponível para download em: <https://www.unicef.org/documents/necessity-urban-green-space-childrens-optimal-development> Acesso em: 15 abr. 2024.

VÍDEO nas aldeias. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/> Acesso em: 01 ago. 2023.